

CURSO DE EXPOSITOR ESPÍRITA

“Não saia de vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graças aos que a ouvem”. (Paulo - Efésios, 4:29)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

EXPOSIÇÃO ESPÍRITA

CAPÍTULO 1 = OBJETIVOS GERAIS

CAPÍTULO 2 = OBJETIVOS ESPECÍFICOS

CAPÍTULO 3 = COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 4 = A REUNIÃO PÚBLICA

CAPÍTULO 5 = O EXPOSITOR ESPÍRITA

CAPÍTULO 5.1 = TIPOS DE EXPOSITORES

CAPÍTULO 6 = APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

CAPÍTULO 7 = OS PONTOS CHAVES

CAPÍTULO 7.1 = NO ATO DO CONVITE

CAPÍTULO 7.2 = NO PLANEJAMENTO DA EXPOSIÇÃO

CAPÍTULO 7.3 = NO PREPARO DA EXPOSIÇÃO

CAPÍTULO 7.4 = COMO PESQUISAR E COMO ESTUDAR

CAPÍTULO 7.5 = TREINAMENTO

CAPÍTULO 8 = A EXPOSIÇÃO

CAPÍTULO 9 = RECURSOS AUXILIARES

CAPÍTULO 10 = POSTURA

CAPÍTULO 10.1 = VOZ

CAPÍTULO 10.2 = LINGUAGEM

CAPÍTULO 10.3 = OLHOS

CAPÍTULO 10.4 = MÃOS

CAPÍTULO 11 = CONDUTA

CAPÍTULO 12 = PARTICIPAÇÃO

CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

A casa espírita deve ter entre seus trabalhadores um grupo de pessoas para a tarefa da exposição. Isso é fator essencial para que se obtenha bons resultados nos trabalhos doutrinários. Não podemos montar um esquema de exposições contando somente com os irmãos de outras casas. Afinal, todos têm suas ocupações. Evidente que se pode convidar outras pessoas, para que uma ou duas vezes por mês, visitem a sociedade para expor, mas que se faça isso dentro de um critério lógico. O expositor tem a grave incumbência de levar ao povo a mensagem de Jesus e os ensinamentos da Doutrina Espírita. Para tanto, tem que se preparar e se fundamentar sempre no bom exemplo. Não podemos falar do que não vivenciamos, afinal o exemplo é força moral. Teoricamente qualquer pessoa pode assumir essa tarefa de falar publicamente e isso aconte-

ce em muitos centros espíritas. Mas o bom senso nos diz que nem todos estão preparados ou possuem o dom para desempenhar satisfatoriamente esse papel. Que cada um se desenvolva dentro das possibilidades apropriadas aos dons de que Deus lhe concedeu. Em todos os setores da vida nos preparamos para desempenhar determinadas tarefas e a qualidade delas dependerá do nosso empenho em fazer bem feita e cada vez melhor. Na casa espírita não pode e não deve ser diferente. E, como estamos lidando com situações mais sérias e graves, faz-se mister um preparo cuidadoso, principalmente na área da moral, pois o trabalho de edificação do ser é tarefa que não podemos desenvolver com doutrinas de aparências. Não existe um perfil ideal de expositor espírita, mas se fossemos traçar um perfil mais adequado, poderíamos simplificar nas seguintes palavras: simplicidade e objetividade na arte de se comunicar e vida mais reta e digna possível.

Para isso, você acaba de ingressar no Curso de Expositor da Doutrina Espírita, e nós desejamos que você tenha o maior sucesso. Para tanto, gostaríamos de fornecer-lhe algumas informações sobre a maneira de extrair o máximo proveito do curso que você irá fazer.

É importante ter-se em mente que o curso de expositores não visa profissionalizar os trabalhadores, mas direcionar e estimular os interessados a realizá-lo, com o intuito de realizar um melhor trabalho com segurança e fidelidade à Doutrina Espírita. O seu sucesso no curso depende da continuidade diária, estudando, exercitando e se aperfeiçoando a cada instante.

Que nosso querido mestre Jesus Cristo esteja conosco durante o curso, incentivando-nos, e abençoando o nosso propósito.

EXPOSIÇÃO ESPÍRITA

Quanto mais se aperfeiçoam no mundo as normas técnicas da civilização, mais imperiosas se fazem as necessidades de intercâmbio.

À vista disso, nos mecanismos da propaganda, em toda parte, os mostruários do certo e do errado se misturam, estabelecendo facilitários para a aquisição de sombra e luz. Nesse concerto de forças que se entrecrocam nas praias da divulgação, em maré crescente de novidades ideológicas, através das ondas de violências, transformações, a Doutrina Espírita é o cais seguro do raciocínio, garantindo a alfândega da lógica destinada à triagem correta dos produtos do cérebro humano, com vistas ao proveito comum. Daí a necessidade da exposição constante dos valores espíritas evangélicos sem o ruído da indiscricção, mas sem o torpor do comodismo.

Serviço de sustentação do progresso renovador.

Quando puderes, auxilia a essa iniciativa benemérita de preservação e salvamento. Ajuda a página espírita esclarecedora no veículo das circunstâncias, a caminho dos corações desocupados de fé, à maneira da semente bendita que o vento instala no solo devoluto e que amanhã se transformará em árvore benfeitora. Ampara o livro espírita, em sua função de manter o Espírito, na cátedra do silêncio. Prestígie o templo espírita com o respeito e a presença, com entendimento e a comparação, valorizando-lhe cada vez mais a missão de escola para a Vida Superior. Como possas e quando possas, relaciona as bênçãos que já recebestes da Nova Revelação, reanimando e orientando os irmãos do caminho.

Disse-nos Jesus, “Não coloque a lâmpada sob o alqueire”.

Podes e deves, assim, expor a tua ideia espírita, através da vitrina do exemplo e da palavra, na loja de tua própria vida para fazê-la brilhar.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 27.05.68, em Uberaba/MG)

“Se vós permanecerdes na minha palavra; verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”

Jesus (João 8:32/33)

CAPÍTULO 1 - OBJETIVOS GERAIS

O Objetivo do curso é:

- a) Reciclagem e visão genérica dos Princípios Fundamentais da Doutrina Espírita, para expositores atuais e iniciantes e confrades que façam ou possam fazer uso da palavra, em reuniões públicas ou de estudos;
- b) Transmitir os fundamentos básicos da oratória, para aplicação pelos participantes, em comentários doutrinário-evangélicos, à luz da Doutrina Espírita;
- c) Desenvolver nos participantes as qualidades básicas e fundamentais para capacitá-los à realização de exposições públicas;
- d) Treinamento básico em recursos didáticos.

CAPÍTULO 2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Transmitir conhecimentos básicos que permitam ou facilitem aos participantes a elaboração de temas de palestras ou exposições, tais como: técnica de pesquisa, elaboração de roteiros, esquemas, anotações, cartazes, etc.
- b) Relembrar ou introduzir o uso de recursos auxiliares a uma exposição: Quadro Negro, Cartazes, Retroprojeter, Álbum Seriado, Porta-Cartazes, Flanelógrafo, Adesivos, Microfone, Fichas-Resumo, uso de anotações.
- c) Relembrar ou introduzir o uso de técnicas de uso da palavra que facilitem o entendimento, por parte do público, do item de estudo, postura, voz, linguagem, olhos, mãos, conduta; antes e durante a exposição; o posicionamento com relação a participação e questionamento.
- d) Estimular a desinibição de confrades que possuam conhecimento doutrinário mas que não façam ou tenham receio de fazer exposições em público.

CAPÍTULO 3 - COMUNICAÇÃO

Etimologicamente a palavra vem do latim “commucatione” – ato ou efeito de comunicar-se – ou seja, Comunicação é o processo de tornar comuns aos indivíduos ideias, sen-

timentos, hábitos, regras, atitudes, permitindo a integração entre os humanos. O objetivo de comunicar consiste no entendimento entre os humanos, tendo como funções:

- é a condutora do processo social;
- faz a interação desse processo;
- manutenção do humano como ser social.

Logo, sem comunicação não há cultura, e para isso podemos utilizar alguns recursos para o aperfeiçoamento do diálogo.

a) Os sistemas de Comunicação são:

- a linguagem;
- os gestos;
- as expressões faciais;
- a imagem;
- a música;
- a dança;
- o teatro;
- as regras sociais;
- as convenções;
- etc.

b) Os Elementos do processo comunicativo são:

- emissor ou fonte;
- codificador;
- canal;
- decodificador;
- receptor ou destinatário.

c) Recomendações para efetividade da comunicação

- Cabe ao emissor realizar a seleção da mensagem, assim como a seleção do meio pertinente e da forma apropriada
- Entre emissor e receptor, quem decide o gabarito da comunicação humana é o receptor;
- A afinidade da comunicação humana deve ser evidente, e por isso depende da organização de ideias;
- Completa o processo, quando se observa, na volta, a reação do receptor;
- A linguagem utilizada na comunicação humana deve ser compartilhada entre emissor e receptor, fazendo comum a significação de experiências e símbolos;
- Sendo a comunicação humana processo essencialmente dinâmico, não pode ser abandonado antes de completar-se;
- Embora imperfeita, emissor e receptor devem esforçar-se em diminuir as deficiências da comunicação humana;
- A comunicação humana efetiva depende da atenção dirigida.

O objetivo da comunicação humana não é necessariamente concordância, e sim compreensão.

CAPÍTULO 4 - A REUNIÃO PÚBLICA

O Centro Espírita, sendo um posto avançado da Espiritualidade na Terra, no dizer dos Espíritos, tem que se preparar para desempenhar essa tarefa a contento. Sabe-se que as pessoas que buscam auxílio nos Centros Espíritas o fazem através das reuniões públicas. Isso faz desta atividade uma das mais graves da casa espírita e tem que se ter o maior cuidado em elaborá-la, pois do seu bom desempenho dependerá a maior ou menor afluência das pessoas aos Centros, e, conseqüentemente, ao contato com a Doutrina Espírita. O objetivo do Centro Espírita deve ser o de levar às pessoas a mensagem do Mestre Jesus, à luz do Espiritismo. Através desses ensinamentos o humano se instrui, se encontra e se reeduca, reformando conceitos e modificando hábitos, tendo conseqüentemente melhor qualidade de vida. Essa deve ser a tarefa maior nas casas que se propõem a trabalhar na seara do Cristo. Diz Allan Kardec que uma religião que não servir para transformar o humano para nada serve. Necessário, portanto, se observar com cautela todos os ensinamentos que estão sendo ministrados nas reuniões públicas, pois deles dependem a libertação de muitos. Para isso, devem contribuir, decisivamente, a atuação dos expositores espíritas com uma preparação condizente com os objetivos da Doutrina Espírita, que é de “Esclarecer e Consolar”.

CAPÍTULO 5 - O EXPOSITOR ESPÍRITA

O expositor espírita é aquele que possui a responsabilidade de estudar, interpretar e de transmitir os conhecimentos adquiridos dos postulados doutrinários e evangélicos. É também o instrumento do mundo espiritual, bem como, do movimento espírita, para divulgação dos conhecimentos evangélicos doutrinários.

a) Suas funções

- Lutar pela divulgação doutrinária e evangélica, visando sua pureza;
- Trabalhar para o crescimento e aprimoramento dos elementos participantes do Centro Espírita;
- Amparar a juventude e a criança, despertando-as e conscientizando-as para a importância do estudo sistematizado e da necessidade da renovação.
- Expor com sentimento ao sentimento dos que escutam.

b) Quem pode falar

- Todos podem falar com real proveito, desde que sintam disposição de servir;
- Qualquer tarefa tem um começo. Assim, quem adia indefinidamente, dificilmente iniciará as suas preleções;

c) Onde falar

- No início, preferir auditórios menos exigentes, para evitar naturais constran-

gimentos;

- Abster-se de falar sobre Doutrina Espírita e Evangelho, ainda que convidado e mesmo com insistência, em horas e locais impróprios. Tudo deve ter seu tempo e lugar, para proveito geral.

Requisitos indispensáveis ao expositor

Quais as condições necessárias para nos tornarmos bons expositores da Doutrina Espírita?

a) Conhecimento da Doutrina Espírita:

Ninguém pode transmitir aquilo que não conhece. Conseqüentemente, quem quiser colaborar na difusão da doutrina deverá conhecê-la. Se assim não proceder, dificilmente será evitada a alteração dos princípios básicos, com a conseqüente introdução de conceitos e práticas estranhas ao pensamento espírita. O referido conhecimento será adquirido através de leitura, da pesquisa, do estudo e da observação. O expositor deve estar atento para que os conceitos e ideias que expõe sejam verdadeiros, mantendo-se perfeitamente de acordo com os postulados do Espiritismo e com os ensinamentos do Evangelho. Os pensamentos e teorias de cunho pessoal devem ser evitados ou expostos com a devida ressalva.

b) Condições técnicas:

a) **Dicção** – é a arte de dizer, recitar, falar. A boa dicção depende de muitos fatores, entre os quais:

- **Voz** – é produzida pela passagem de ar pelas cordas vocais. É a transformação do ar em som;
- **Respiração** – o elemento gerador da voz é o ar. Por isso, a respiração correta é tão importante. Há três tipos básicos de respiração:
 - **Clavicular:** é aquela em que o indivíduo, ao realizar a inspiração, os ombros sobem e a parte superior do peito enche de ar. Essa é a pior respiração, pois a capacidade respiratória é menor e a voz tem pouca projeção;
 - **Intercostal:** é uma respiração intermediária, realizada um pouco abaixo da clavicular;
 - **Diafragmática:** é aquela em que o indivíduo realiza a inspiração; ao inspirar, enche a região do diafragma (músculo que separa o tórax do abdômen). É o oposto da clavicular. Logo, a técnica de respiração compreende: inspiração, pausa, expiração.
- **Articulação** – pronúncia distinta das palavras.
- **Pronúncia** – a regra geral é simples: dizer as consoantes e as vogais com naturalidade e sem prejudicar a pontuação. Dizer as palavras inteiras, evitando “engolir” sílabas, sobretudo as de final de frase, mantendo ritmo e tonalidade.
- **Pontuação:** a pontuação é profundamente vinculada à respiração. O expositor, quando lê, apenas respira nos pontos finais e ponto-e-vírgula. Se o expositor acostumar a encher plenamente os pulmões de ar, fará isso tranquila e naturalmente;
- **Entonação:** para uma boa entonação, é necessária uma voz flexível e expressiva. Cada palavra e cada sílaba têm o seu próprio tom;
- **Sinal enfático:** o expositor deve saber não apenas entonar a voz de acordo com a emoção dos assuntos, mas dar às palavras a ênfase que merecem. Uma frase pode ter seu sentido completamente adulterado, se não colocarmos o sinal enfático no lugar

certo;

c) Clareza de expressão: A clareza de conteúdo se consegue quando se pensa claramente. João de Oliveira Filho, em sua obra “Falar em Público”, define: “a ideia se torna clara quando pode ser reduzida a uma frase simples”.

d) Objetividade: O expositor deve adaptar-se e atender às reais necessidades da plateia. Evitar, conforme as circunstâncias, os assuntos doutrinários de entendimento difícil. A objetividade ou concisão envolve a capacidade de síntese e o controle da exposição;

e) Propriedade do vocábulo: a melhor maneira de enriquecer o vocábulo é aquela que se baseia na experiência, isto é, numa situação real como a **conversa, a leitura e a redação**.

f) Condições Espirituais ou Naturais: A tranquilidade, a segurança e o senso de responsabilidade são fundamentais para uma boa exposição. A falta de um desses pontos pode causar **inibição** e o surgimento do “**branco**”.

Obs.: Deve aquele que fala possuir um temperamento expansivo para comunicar por meio da palavra, as ideias e os fatos: manter máximo a serenidade de espírito e o domínio de si mesmo, possuir sensibilidade apurada, que o faça capaz de perceber rapidamente o efeito de suas palavras no espírito dos ouvintes; ter firmeza nas convicções e expô-las de modo veemente; conhecer amplamente o assunto de vai tratar e ter suficiente cultura geral para eventuais digressões, ou para reforçar a sua exposição, possuir certo magnetismo pessoal e usar atenciosa amabilidade para os que ao escutam.

g) Informações importantes:

- **Estímulo:** Você não é a única pessoa que tem medo de falar em público. Pesquisas comprovaram que 80% a 90% das pessoas temem falar em público. Acredite no que vai dizer. Fale ao cérebro e ao coração. Não abale sua convicção diretamente; vá devagar em impor pontos de vista. Como se fala e não o que se fala é que prende o auditório.

- **Domínio do Auditório:** O público aprecia os humanos de atitude serena e corajosa, os que sabem falar com timbre e com triunfante galhardia, pois se convence tanto pelas maneiras do expositor quanto pela exposição de ideias. Sendo assim, para dominar o auditório, o expositor deve ter espírito de autoconfiança, com o que poderá vencer a timidez natural, evitar excesso de reflexão, não sentir dificuldade de concentração, manter afastadas de si a suscetibilidade e a impulsividade.

- **Vencendo o medo:** Antes de começar, respirar lenta e profundamente, relaxar os músculos, manter-se altivo, curvando-se um pouco; em seguida, começar a falar, fixando o pensamento apenas no assunto da exposição. Após as primeiras frases, o receio desaparecerá por completo. Para isto, o principiante deve tomar algumas precauções, tais sejam: não falar de estômago vazio, o que tende a aumentar a intensidade das reações psicológicas; enfrentar, primeiramente, um auditório que possa ser favorável ao seu sucesso para que adquira energia e confiança, com os quais se apresentará em futuras oportunidades.

CAPÍTULO 5.1 - TIPOS DE EXPOSITORES

Cada exposição é uma experiência nova, por isso o expositor se apresentará de formas diferentes, podendo variar seu estilo de apresentação, seu vocábulo e etc., mas vamos mostrar aqui alguns tipos e estilos de expositores que, provavelmente, iremos vivenciá-los mais cedo ou mais tarde.

- **TÍMIDO** – Acanhado e muitas vezes provoca insegurança.
- **IMPETUOSO** – Ansioso e apressado. Na maioria das vezes não tem autocrítica. A sua ansiedade provoca esquecimento de dados importantes, e nem sempre é criativo.
- **POLIMORFO** – Analisa vários temas filosóficos, científicos e religiosos, sob vários prismas. É cativante, não dogmático e atrai pela simpatia, pelo fato de ser aberto a tudo e a todos. Não tem receio de dar sua opinião.
- **MONOTÔNICO** – (uma nota só) – MONOCÓRDIO – Monótono, exposição desmotiva a assistência, causando sonolência.
- **VERBERADOR** – Fala censurando, reprova energicamente e muitas vezes torna-se enfático e dogmático. Cria seus próprios dogmas, pela visão que tem das coisas, dos fatos e dos outros. Chega a ser intransigente.
- **TERTULIAL** – Faz uma exposição familiar, como se estivesse em sua residência. (tertúlia – reunião familiar).
- **EMOTIVO** – aquele que transmite emoção quando fala. Envolve a assistência pela voz. Faz com que aqueles que lhe ouvem sintam o mesmo que ele (empatia).
- **EVANGÉLICO** – Aquele que só sabe falar sobre temas evangélicos, às vezes torna-se dogmático, se não consegue perceber o espírito da letra.
- **ALTILOQUENTE** – Orador – Fala em tom de discurso, podendo ser enfadonho; é pregador sabe utilizar os recursos da linguística, dicção e imitação vocal.
- **BEM-HUMORADO** – Alegre, satisfeito, transmite alegria de vida... andando, gesticulando, sorrindo, sem falsidade.
- **FILÓSOFO** – Aquele que só fala usando termos filosóficos. Torna-se enfadonho, cansativo.
- **METÓDICO** – Rígido, não admite que se saia do caminho traçado, às vezes chega a ser agressivo, barra qualquer um que lhe tenta interromper. O diálogo é nulo nas exposições.
- **DIDÁTICO** – Segue uma linha de pensamento metódico. Usa de todos os recursos para atingir o objetivo e motivar a assistência. É criativo e estimula os outros a raciocinarem.
- **MELINDROSO** – Abate-se a qualquer crítica, inseguro. Sente-se ferido quando é criticado e acha que está sempre certo.

CAPÍTULO 6 - APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

- Na leitura de um livro ou mensagem, para obtermos maiores esclarecimentos;

- No preparo de uma exposição, para conseguirmos mais ângulos e recursos para a exposição;
- No estudo da BOA NOVA, para retirarmos o espírito da letra, evidenciando, assim, dois aspectos de suma importância: a universalidade e atualidade do Evangelho, com vistas à exemplificação;
- Para examinarmos com discernimento e justiça qualquer fato que se dê conosco ou envolva o nosso semelhante;
- Pesquisa.

CAPÍTULO 7 - OS PONTOS CHAVES

CAPÍTULO 7.1 - No ato do convite

O QUÊ? Tema, livre ou previamente indicado.

PARA QUÊ? Finalidade. Ex.: Posse de Diretoria, uma comemoração, abertura de um ciclo de estudos, exposições de rotina, etc. (para adequação do estudo)

COMO? De que maneira. Ex.: Exposição apenas, com participação, etc., para adequação do método.

QUEM? Pessoas que vão nos ouvir: iniciantes na Doutrina Espírita, irmãos conhecedores da 3ª Revelação, mocidade, etc.

ONDE? Endereço completo, condução, tamanho do recinto.

QUANDO? Dia, hora e duração da exposição. (às vezes, a data pode sugerir o tema)

CAPÍTULO 7.2 - No Planejamento da Exposição

Para que se faça uma excelente apresentação é necessária uma preparação. O esforço do expositor, aliado à assistência dos benfeitores Espirituais, o ajudará a alcançar os objetivos visados com a exposição.

<p>“Ajuda a ti mesmo, que o céu ti ajudará.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XXV).</p>
--

É importante salientar que uma das principais causas da insegurança na exposição é a consciência do despreparo, que pode consistir em:

- falta de domínio do assunto;
- domínio do assunto, mas dificuldade de estruturá-lo;
- domínio do assunto e facilidade de estruturá-lo, mas dificuldade em relação

ao comportamento no local da exposição.

Logo, mesmo que o expositor domine o tema, será fundamental a preparação, pois conseguirá reunir elementos mais enriquecidos em torno do tema, apresentando-o segundo uma estrutura lógica.

Quando um expositor não se prepara, a tendência é a prolixidade. A língua e o pensamento começam a entrar em conflito. É muito difícil ser objetivo sem preparação.

O imprevisto deve ser sistematicamente evitado. Ainda que o expositor tenha facilidade de captar as sugestões dos Espíritos Benfeitores, ele deve planejar a sua exposição.

Um momento do recolhimento e de prece deve preceder à elaboração e a tarefa, como isso o expositor recebe inspirações imperiosas que o induzem a melhor atender às necessidades de seus ouvintes.

Por isso, o assunto costuma sair diferente da preparação, porém sempre dentro do tema.

CAPÍTULO 7.3 - No Preparo da exposição

a) O Tema

É o assunto da exposição.

É importante definir claramente o que se quer, para se definir o que fazer para conseguir.

Há duas situações com relação ao tema:

- a) o expositor escolhe o assunto de que irá tratar.
- b) O tema lhe é previamente comunicado por quem o convida.

Em ambas as situações os expositores deverão considerar os seguintes processos:

- a) Delimitação do tema, isto é, definir o(s) aspecto(s) sob qual o focalizará.
- b) Suas delimitações intelectuais e morais para evitar tratar de assuntos que desconheça ou sobre os quais lhe falte experiência. É bom, entretanto, usar experiências do público.
- c) Adequação do tema as características do público ouvinte.
- d) Pesquisas, aproveitando datas, eventos, acontecimentos importantes, etc.

Observações:

- A abordagem de temas polêmicos da atualidade são bastante válidos para serem tratados na casa espírita, desde que sejam á luz do Espiritismo. Lembremos que a Doutrina Espírita é sempre atual.
- Recomenda-se não falar sobre temas dos quais não tenha domínio, o que não significa que, com o tempo, com estudo e dedicação, não possa fazer incursões em assuntos outros.
- É importante que se escolha temas que sirvam, na medida do possível, à aplicação na vida prática, levando os ouvintes à reformulação de conceitos e conse-

quente mudança de comportamento.

“Nas conversações não se pode reportar abusiva e intempestivamente a fatos doutrinários de entendimento difícil, devendo selecionar oportunidades, quanto a pessoas e ambientes para tratar de temas delicados.”
(Conduta Espírita – André Luiz – Cap. 14)

Lembrete: quanto mais o expositor pesquisar e estudar, mais amplia a variedade de Temas a serem abordados, assim como aprofunda assuntos superficialmente conhecidos.

Sugestão: para iniciantes, sugerem-se temas que admitem enumeração, como por exemplo, as virtudes cristãs: fé, esperança e caridade, que podem ser desenvolvidas ao longo da exposição com as devidas exemplificações.

b) Definição do Objetivo

É importante definir claramente o que se quer, para definir o que fazer para conseguir. Somente após definir o objetivo, ou seja, o que se quer comunicar, é que o expositor poderá definir o que irá dizer para que o público entenda a mensagem.

A definição segura do(s) objetivo(s) dá muita eficiência, tornando a exposição produtiva, pois o expositor não se perderá em considerações desnecessárias, que podem levar a conclusões que não tenham relações com a intenção que motivou a escolha do assunto.

Na exposição espírita, temos como objetivos gerais: Esclarecer e Consolar.

Dentro daqueles objetivos gerais, temos os objetivos específicos de cada exposição, em razão dos fatores: tema, tempo e público ouvinte.

Exemplificando:

Tema: Reencarnação

Objetivo: levar o público a entender a lei de reencarnação como maior prova da justiça divina.

Tempo: 1 (uma) hora.

Público: frequentadores de uma sessão pública doutrinária no Centro Espírita.

c) Definição do Tempo

Qual o tempo de duração da exposição?

É fundamental a resposta a essa pergunta. Pois o conteúdo deve adequar-se ao tempo disponível. Logo, o expositor deverá obter essa informação antes de planejar sua exposição.

Se o tempo for reduzido, por exemplo, o expositor deverá selecionar duas ou três ideias e apresentá-las com clareza, abandonando o resto. Ele poderá fazer alusão a outros ângulos do assunto, salientando aos que abordará, aos que considera mais significativos para a ocasião. É preferível, nesse caso, aprofundar algumas ideias básicas, do que abordar várias de forma superficial.

Recomendações:

É importante que o expositor mantenha-se dentro do tempo estipulado para a exposição; é uma questão de disciplina. Além disso, a qualidade da exposição tende a cair na proporção em que o expositor ultrapasse o seu tempo.

No caso de exposição dialogada, ele deve estar bem ciente do tempo destinado à exposição propriamente dita e aquele reservado aos questionamentos.

Expor, ilustrar o tema. Seleção de recursos didáticos e auxiliares. Dinâmica de grupo a ser adotada. Exposições escritas só em casos especiais. Assunto estudado, nunca decorado. Vantagem de esquemas, pelos quais se deve calcular e dividir o tempo. Cuidado, a fim de não se valorizar mais o método do que o conteúdo. Possibilidade de adaptar-se a circunstâncias inesperadas.

e) **Definição do Público**

Outro aspecto importante no planejamento de uma exposição é a definição do público ouvinte, ou seja, o receptor da mensagem nesse processo de comunicação.

Essa definição é importante por dois aspectos:

- Adaptação da linguagem (aspecto formal)
- Adaptação do conteúdo (aspecto substancial)

O mesmo assunto poderá receber tratamentos diversos, de acordo com as características do auditório, inclusive no que se refere ao nível de detalhamento do assunto.

Logo, é fundamental conhecer o perfil do público destinatário da mensagem. As informações poderão ser obtidas junto à pessoa que efetuou o convite ao expositor.

CAPÍTULO 7.4 - Como pesquisar e como estudar

a) Como Pesquisar

Cientificado do tema da exposição, o expositor, embora ainda não tenha definido a abordagem específica do mesmo, deverá dar o próximo passo: Pesquisá-lo na biblioteca disponível.

O assunto escolhido poderá ser procurado com os seguintes auxílios:

- utilização de um “Vade-Mécum” espírita, onde estão indicados as obras que tratam dos diversos assuntos;
- utilização de índices de determinadas obras – o assunto poderá aparecer como título ou subtítulo nas mesmas; consultar, para tanto, as obras básicas da Doutrina Espírita e as complementares;
- consultar obras – nas últimas páginas ou nos rodapés de alguns capítulos – onde constam referências a outras obras que foram consultadas pelo autor e que também tratam do assunto.

Sugestão: É importante que, ao pesquisar sobre um determinado assunto, por exemplo, **Reencarnação**, o expositor abra uma ficha contendo os seguintes dados:

Tema; Bibliografia; nome da obra, autor; editora; capítulo; etc.

Esta providência facilitará o trabalho do expositor quando for convidado para abordagem do mesmo tema em outros locais. As fichas, organizadas por assunto, poderão ser complementadas, com edição de novas obras sobre os assuntos nelas arrolados. Recomenda-se guardá-las em pastas ou arquivos tipo “A/Z” ou no computador.

Encontrada a bibliografia a ser utilizada, o expositor fará uma leitura inicial, selecionando os textos mais adequados à abordagem de seu tema. Após, deverá estudá-los, mediante determinadas técnicas de leitura, abordadas no item seguinte.

b – Como Estudar

Biblioteca do Expositor Espírita

O expositor espírita reunirá em suas estantes os livros imprescindíveis à sua tarefa, e por isso sugerimos que ela seja assim composta:

Obras básicas da Doutrina Espírita;

Obras conhecidas como “clássicas” do Espiritismo, de Leon Denis, Gabriel Delanne e outros.

Obras complementares à Doutrina Espírita, de autores encarnados e desencarnados, de Emmanuel, André Luiz, Hermínio Miranda, Martins Peralva, Richard Simonetti, e outros.

Um bom dicionário.

Uma Bíblia à escolha do expositor.

O número de obras que comporá a biblioteca variará de acordo com as possibilidades econômicas de cada um. Porém, é importante lembrar que:

- O expositor deve possuir todas as obras básicas da Doutrina Espírita;
- Com relação aos demais, é conveniente que os adquira aos poucos, pois serão de grande valia na complementação e aprofundamento de seus conhecimentos doutrinários, num processo de aprimoramento cada vez maior para o bom desempenho de sua tarefa;
- O dicionário também é de grande valia na pesquisa e no planejamento da exposição; é importante que não se empregue termos sem exato sentido de seu significado; o emprego incorreto de um vocábulo poderá comprometer a clareza ou o conteúdo da exposição;
- A assinatura de periódicos espíritas é aconselhável para que o expositor mantenha-se atualizado a respeito de publicações de artigos doutrinários e sobre o Movimento Espírita em geral.

Também poderão ser adquiridas, de acordo com as necessidades, obras referentes aos diversos ramos do conhecimento humano (Física, Química, Biologia, Filosofia e Fisiologia), que serão auxiliares na abordagem de determinados temas da Codificação Espírita.

De posse dos textos selecionados, o expositor utilizará uma folha destinada às anotações – **folha ou ficha de ideias** – visando registrar o conteúdo para o planejamento geral da exposição.

É importante não escrever demais na folha ou ficha de ideias. Há diferença entre

ideia e palavra: ideia é o pensamento e palavra é o fio que a transporta, o sinal gráfico, a articulação. Devem ser registradas as ideias de forma completa, mas com o mínimo de palavras possível, com palavras exatas a serem lembradas no desenvolvimento da exposição.

Esses procedimentos poderão ser adotados após o estudo de cada texto selecionado, não importando qual das técnicas de leitura, abaixo descritas, que estão sendo praticadas.

c – Técnicas de Leitura

Lembrando que “estudar é pensar”, apresentamos quatro técnicas básicas de leitura que ser utilizadas em conjunto ou separadamente, conforme a preferência do expositor.

a) Técnica da leitura repetida: ler diversas vezes e com atenção cada texto, até certificar-se de que apreendeu o(s) pensamento(s) do autor. Anotar as ideias que julgar interessantes e/ou proveitosas na folha de ideias.

b) Técnica das linhas sublinhadas: inicialmente, deve ser feita uma leitura global do texto a ser estudado, com muita atenção. Após, deve ser relido o texto, procurando sublinhar as palavras e frases consideradas “chaves”, isto é, as que expressam ideias básicas em cada parágrafo. Anotar o que foi sublinhado, para posterior desdobramento.

c) Técnica de leitura com resumo: devem ser feitas várias leituras globais do texto, para tomar conhecimento das ideias desenvolvidas pelo autor (encarnado ou desencarnado). A seguir, deve ser feito um resumo, com palavras próprias, de todas as ideias do texto lido que interessem ao enfoque do tema escolhido pelo expositor. Anotar essa síntese na folha de ideias.

d) Técnica da leitura comentada: consiste em anotar na folha de ideias as principais ideias do autor e depois enriquecê-las com conhecimentos próprios ou com textos de outros autores, mantendo-se um encadeamento lógico entre todas as partes, o que facilitará a extração do conteúdo da exposição. Explicar, definir, comentar e concluir são processos mentais dessa tarefa. Não é uma técnica simples, mas que se desenvolve com reiterados exercícios.

Todas as técnicas auxiliarão o expositor na elaboração do conteúdo quando da elaboração do planejamento geral de sua exposição.

c – Como elaborar esquemas e resumos

1) Esquema

Definição: é a representação da linha diretriz seguida pelo autor para representar suas ideias. Ele delimita um tema e mostra a trajetória usada para a exposição do conjunto de argumentos, hierarquizando as partes e proporcionando uma visão globalizada do texto.

Regras para organização de esquemas:

- Ser fiel ao texto;
- Identificar o tema abordado pelo autor, destacando títulos e subtítulos que apresentaram o conteúdo;
- Ser simples e objetivo;
- Subordinar ideias e fatos e não apenas resumir, exemplo:

Conceito; inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

Provas

Axioma: não há efeito sem causa
Ideia de Deus: inata ao humano

DEUS

Alguns
Atributos

Eterno: não tem princípio nem fim
Imutável: não está sujeito a mudanças
Imaterial: natureza diferente da matéria
Único: um só Criador e Coordenador do universo
Onipotente: soberano poder
Soberanamente justo e bom: sabedoria providencial

Panteísmo

Faz de Deus um ente material. Confunde o Criador com a criatura.

b- Resumo

Definição: é uma condensação do texto que apresenta de forma sucinta, os principais elementos do conteúdo. O resumo é diferente do esquema porque compreende parágrafo de sentido completo. A sua leitura dispensa a leitura do texto original, pois não é um indicativo de tópicos (esquema), mas uma síntese do todo.

Regras para elaboração de resumos:

- Resumir só após ler e compreender todo o texto;
- Ser realmente breve e objetivo ao resumir;
- Só resumir após rever o que sublinhou ou anotou à margem do texto;
- Aspear citações textuais, caso as utilize, fazendo referências à fonte;
- Reunir, especialmente ao final, As ideias integradoras, citando sempre a bibliografia consultada.

CAPÍTULO 7.5 - Treinamento

- Esquemático o assunto, fazer a exposição a um auditório imaginário, não para decorar, mas para fixar os pontos essenciais da exposição.
- No início, preferir auditórios menores, menos exigentes, para reduzir o constrangimento.
- Qualquer tarefa tem um começo com naturais dificuldades.

- Ler muito, metodicamente, para adquirir conhecimentos e ampliar o vocabulário.
- Ouvir outros expositores.
- Esforçar-se para não imitar os outros.
- Colaborar com irmãos que também desejam ser expositores, pois é ajudando que somos ajudados.

CAPÍTULO 8 - A EXPOSIÇÃO

Estrutura da Exposição

Muitas vezes, o expositor dispõe do conteúdo necessário para realizar uma boa apresentação; porém, sua dificuldade é ordená-la de uma forma que facilite sua exposição e a compreensão por parte do público receptor.

Aconselhamos dividir a exposição em três partes: INTRODUÇÃO, DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÃO.

a) Introdução

O expositor não deve entrar direto no tema ao iniciar sua apresentação. É preciso que o público esteja preparado para acompanhá-lo em sua exposição. Salientar a importância do assunto e procurar motivar os presentes. O expositor atento se aproveitará até de algo inesperado, com, por exemplo, a falta momentânea de iluminação. Assim poderá começar falando da necessidade de sairmos das trevas da ignorância para a luz do conhecimento, esperando, que, com auxílio espiritual, a exposição de alguma forma contribua para isso.

O expositor não deve “decolar” sozinho.
Logo, temos:

Introdução: saudação inicial e/ou direcionamento para o tema.

No caso que se refere a saudação inicial, deve-se restringir ao mínimo indispensável de palavras.

Com relação ao direcionamento para o tema, convém lembrar que, no início, a atenção do público estará centrada na pessoa do expositor, por isso, cumpre-lhe, assim, transferir esta atenção para o assunto a ser tratado. É necessário não só definir o tema para o auditório, mas deixar evidenciada a linha de raciocínio a ser seguida, facilitando o entendimento da mensagem.

O que não deve falar no início da apresentação.

- a) Explicação e pedidos de desculpas – não se deve gastar tempo com excessos de explicações e pedidos de desculpas, como por exemplo: “desculpem por eu estar com problemas na garganta”, “desculpem, pois sou um Espírito muito inferior para tratar de assunto tão elevado” etc. Na verdade, essas situações não alterarão em nada o resultado da apresentação.
- b) Jamais contar anedotas durante a exposição. As mais simples podem sugerir

outras por partes dos presentes ou os levá-los a se fixarem com quadros mentais e lembranças alheias à finalidade da reunião

c) Bengalas iniciais – é comum a utilização de bengalas iniciais, como “bem...”, “muito bem”, “e o seguinte...”, “bem, pessoal...”, “Hummm...”, etc. Essas bengalas correspondem ao “ne”, “tá”, “então”, etc., usadas no decorrer da exposição. Ou ao “é isso aí”, “Tenho dito”, utilizados no final. São expressões desnecessárias estes vícios de linguagem que devem ser eliminados. Para tanto, basta definir qual será a primeira frase da apresentação.

Atenção: jamais se deve decorar uma exposição, pelos seguintes motivos:

- No momento da apresentação, o expositor corre o risco de esquecer uma palavra e ter “um branco”, não conseguindo continuar.
- Uma exposição decorada perde muito em vibração, isto é, “sai apenas da cabeça e não do coração”. Mesmo que se trate dos aspectos filosóficos e científicos do Espiritismo, o amor à nossa Doutrina deve estar presente no desempenho da tarefa expositiva.

O que falar ao iniciar uma exposição

É importante ter presente o objetivo da introdução, que consiste em obter a atenção para o tema abordado, criando um clima favorável entre o expositor e o auditório, estabelecendo em bases de respeito e fraternidade.

Alternativas para a introdução

a) Fazer uma apreciação ao auditório

O público será mais receptivo se forem reconhecidas algumas de suas qualidades, através de uma apreciação sincera, sem bajulação.

Exemplo: “é com grande alegria que nesta tarde, abordemos o tema “Missão do Espiritismo”, assunto de grande importância para a análise de todos nós, especialmente os jovens que constituem o futuro do Movimento Espírita”. Logo, o expositor poderá descobrir alguma coisa peculiar sobre seu público e comentá-la.

Fazer uma pergunta

É outro recurso para iniciar uma exposição, pois ela força o público a pensar, atraindo a atenção para o tema.

Exemplo: “quem de nós não conhece aquele magnífico diálogo entre Jesus e Nicodemos?”

b) Usar uma citação

Exemplo: “o nosso querido escritor espírita, Herculano Pires, em sua obra Obsessão, O passe, A Doutrinação, nos faz a seguinte colocação: **A cura da obsessão é uma auto cura**”. **Conforme dito por Mateus no capítulo V versículos de 1 a 6...**

c) Contar um fato

A narração de um fato é muito eficaz para atrair a atenção do público, deve-se, porém, evitar a narração de fatos pessoais. A narrativa de um fato, por exemplo, uma passagem evangélica, tem a vantagem de estabelecer uma base para a apresentação. Pode ser utilizada, por exemplo, para ser analisada sobe enfoque espírita.

Ilustrar as exposições com histórias edificantes, porém, não ficar só nisso. A função do expositor espírita não é a de fazer passar o tempo, mas de apresentar um tema, analisá-lo e tirar conclusões com vistas à exemplificação.

d) Provocar a participação

Nos casos de “exposição dialogada”, o expositor, pode, conforme o tema, requisitar, desde o início, a participação do auditório, exigindo-lhe a atenção e o raciocínio. Pode-se, por exemplo, contar um fato, narrar uma parábola, citar uma frase e pedir a análise do auditório sobre os mesmos.

e) Exibir algo

Uma boa alternativa para prender de imediato a atenção do auditório é exibir algo. As imagens possuem um grande poder de comunicação. Para tanto, podem ser utilizados aparelhos tais como: projetor de slides, retroprojetor, episcópio, assim como cartazes, gravuras, desenhos, etc., tudo de acordo com o tema a ser abordado e as condições do ambiente.

Outras maneiras interessantes de iniciar uma exposição poderão ser utilizadas, além das que foram citadas, para direcionar o tema a ser exposto.

Regras:

Quanto mais receptivo o público, menor a introdução.

Quanto mais dispersivo o público, mais se deve investir uma boa introdução para obter-se sua receptividade desde o início.

b) Desenvolvimento

Definição da ideia-mãe

É um pensamento único, expresso numa frase simples, clara e, se possível, direta, que resuma a essência do que se quer provar ou demonstrar através da exposição inteira. Em torno dela e/ou em direção a ela se encaminharão todas as demais ideias complementares e ilustrativas.

Exemplo:

Tema: Obsessão

Ideia-mãe: A cura da obsessão está ligada à reforma íntima do obsediado.

Definição do tema

A divisão do tema em tópicos para compor o conteúdo da exposição é aconselhável pelos seguintes motivos:

- Faculta uma exposição do tema por partes ao auditório.

- Dá mais segurança ao expositor que se vincula a um roteiro.

Exemplo:

Tema: Deus

- a) Conceito
- b) Atributos
- c) Provas da existência

No planejamento da exposição, o desenvolvimento deve ser feito de tal forma que ocupe 80% do tempo.

Evidências

São fatos utilizados para dar mais credibilidade e compreensão às ideias ou afirmações contidas em uma exposição. A qualidade de uma exposição depende, em grande parte, da capacidade do expositor em usar boas evidências.

Tipos de evidências:

- a) **Dado estatístico** – de acordo com o tema a ser desenvolvido, podem ser utilizados dados estatísticos para reforçar as informações. As informações devem ser específicas e fundamentadas em fontes que mereçam credibilidade.
- b) **Exemplo** – o exemplo é outra evidencia bastante utilizada em muito eficaz. Torna a linguagem mais concreta e contribui para a aplicação prática de princípios.
- c) **Comparação** – a comparação é uma das melhores evidencias para facilitar, de forma imediata, a compreensão. O expositor pode comparar o que está dizendo com algo que seja de conhecimento do público. Pode-se comparar o abstrato com o concreto, o presente com o futuro, etc.
- d) **Citação** – é uma evidencia que dá qualidade a exposição. O expositor associa-se ao autor citado, quando faz uma afirmação e, a seguir, usa uma citação ou depoimento de uma autoridade da matéria tratada. Logo, podem ser citados: trechos de obras, frase, teses, etc. Toda citação deve ser feita com exatidão, indicando, sempre que possível, o nome do livro e autor.
- e) **Demonstração** – a demonstração é uma forma bastante prática de evidencia, oportunidade de revelar o “como fazer”.
- f) **Vivência** – a vivência ou experiência de uma pessoa pode ser utilizada para ilustrar determinados temas. Em certos casos, admite-se que o expositor ilustre a apresentação com sua própria vivência. O expositor poderá conjugar duas ou mais evidencias em uma exposição, que poderão ser auxiliadas por diversos recursos complementares, tais como: quadro de giz, cartazes, retroprojeto, etc.
- g) **Narração de um fato** – é um recurso muito eficaz para prender a atenção de imediato. Ela estabelece uma base para o desenvolvimento do tema, podendo o expositor reportar-se a mesma, no decorrer da apresentação. É o caso da narrativa de uma descoberta científica ou de um fato histórico. Também podem ser utilizados contos, parábolas, fábulas, etc.

É aconselhável o expositor formular uma pergunta e ele próprio as responder, com intuito de realçar este ou aquele trecho da exposição.

c) - Conclusão

É a última parte da exposição. Dois aspectos devem ser observados na elaboração desta parte:

a) **Recapitulação:** significa repetir a exposição sintetizada, fazendo um resumo dos principais pontos. Pode ser uma ou algumas frases. A recapitulação é muito importante para ajudar o público a compreender a mensagem, que é o objeto da comunicação por parte do expositor.

b) **Epílogo:** às vezes, o expositor desenvolve muito bem a sua exposição, porém, como não planejou o seu final, surgem basicamente, duas tendências:

- Ou fica repetindo frases, sem saber como encerrar, o que torna, às vezes, angustiante ver o expositor repetir quase toda a exposição, numa luta inglória em busca de uma frase de conclusão.

- Apoia-se em “bengalas” tão comuns e sem sentido tais como: “acho que era mais ou menos isso que eu havia preparado”, “não sei se havia mais alguma coisa para dizer”, etc., ou encerando de forma brusca. O epílogo é muito importante, visto que pode ser o momento de tocar fundo nos sentimentos do auditório. O clímax geralmente é atingido no final. Por isso, nesse momento deve-se falar com vibração, imprimindo um ritmo mais acentuado na pronúncia das palavras.

Alternativas para a conclusão:

- Expressões fraternas;
- Uma apreciação do auditório;
- Uma citação;
- Narração de um fato;
- Uma reflexão;
- Resposta a uma pergunta;
- Chamamento a ação;
- Uma prece / poesia.

Revisão do Planejamento: Após definir o objetivo, tempo, perfil do auditório, estruturar a exposição (**introdução, desenvolvimento, conclusão**), o expositor deve fazer uma revisão geral do conjunto.

Avaliação

a) autoavaliação – feita pelo próprio expositor, ao analisar a apresentação proferida à luz do planejamento elaborado.

b) Pela observação da reação do auditório durante sua apresentação, no caso da exposição dialogada, pelo grau de interesse e participação do público.

O expositor poderá utilizar recursos visuais para auxiliá-lo no processo de comunicação de sua mensagem (exposição). Esses recursos, quando bem utilizados, são realmente eficazes para reforçar e tornar claro o conteúdo da mensagem, além de possibilitar um processo de comunicação mais dinâmico. Veremos abaixo alguns tipos mais utilizados de recursos auxiliares.

Assimilação

Por meio de pesquisas ficou constatado que a assimilação da mensagem depende muito da utilização de recursos auxiliares. O quadro abaixo mostra a porcentagem de assimilação de acordo com o uso dos diversos recursos.

- Só escutar.....: 10%
- Escutar e ler.....: 40%
- Escutar, ler e exemplificar.....: 60%
- Escutar, ler, exemplificar e vivenciar.....: 100%

Evidência Física

Para reforçar uma ideia, o expositor pode utilizar um objeto, como, por exemplo, um jornal, uma fotografia, etc.. É um recurso muito simples, porém contribui para a dinâmica da comunicação.

Quadro de giz ou magnético

O quadro de giz ou magnético é considerado equipamento fundamental em uma sala de aula ou de reuniões. É útil para apresentar esquemas, quadros sinópticos, resumos, registrar dados, visualizar ideias através de desenhos, transcrever e resolver exercícios, apresentar tópicos complexos, etc. É um recurso muito econômico.

Cartaz

O Cartaz é um recurso interessante que, quando utilizado, contribui para dar mais ênfase e clareza aos pontos básicos de uma exposição. É uma outra forma de somar-se à comunicação verbal a comunicação visual, reduzindo o tempo para expor um determinado assunto.

Retroprojektor

O retroprojektor é um aparelho utilizado para projeções de transparências ou laminas. É um dos mais eficazes recursos para auxiliar a tarefa expositiva. Escrevem-se nas transparências ou laminas as principais informações acerca do tema a ser exposto.

Constitui erro transcrever para uma transparência uma página inteira de um livro ou periódico. A utilização de laminas deve ter um objetivo didático; jamais utilizá-las para suprir falta de preparo da exposição ou para se proteger, desviando a atenção do público, em razão do estado psicológico de insegurança.

É de vital importância verificar se no Centro Espírita onde será utilizado este equipamento, existem tomadas ou mesmo energia elétrica, pois se trata de um equipamento

elétrico.

Conclusão

O Expositor deve fazer uso de cartazes, do quadro negro e dos recursos audiovisuais disponíveis. Deve evitar a metodomania, uso de vários recursos numa exposição, pois a diversificação excessiva servirá apenas para distrair os ouvintes, lembrando que todos esses métodos apontados acima são **meios**. A finalidade maior é a transmissão do conhecimento. Cuidemos para que ela seja bem objetiva e proveitosa. Na ocasião de sua apresentação, todo material deverá estar bem à mão, para evitar atropelos e embaraços.

CAPÍTULO 10 - POSTURA

A postura é elemento importante na comunicação pela imagem que passa. A grande dúvida do expositor surge quando inicia a sua apresentação. Ele não sabe, por exemplo, se deve começar a falar com os braços à frente ou atrás do corpo, com braços cruzados ou ao longo do corpo, com as mãos na mesa ou na cintura. Por isso:

- Se convidado para ocupar lugar à mesa, aceitar.
- Sempre que possível, colocar-se à direita, voltado para o auditório, pois é esse o lugar mais indicado para executar a tarefa.
- É aconselhável falar de pé, observando, entretanto, a conveniência do momento.
- Movimentando-se durante a exposição. Seja comedido.
- Evitar dar as costas para os participantes. Mesmo ao escrever no quadro de giz, fazê-lo pelo mínimo de tempo possível, procurando não se desligar inteiramente do auditório.
- Ainda que ocorra atraso, terminar na hora marcada.

CAPÍTULO 10.1 - VOZ

- Pronunciar bem e integralmente as palavras;
- O volume da voz deve obedecer às necessidades do recinto;
- Modular a voz de acordo com o que expõe;
- Ocorrendo conversa entre os presentes, baixar o tom de voz para atrair a atenção;
- Havendo dificuldade de pronunciar uma palavra – ex.: endemoniado – não se encabular; substituí-la, soletrá-la ou, esportivamente, pedir ajuda aos participantes;
- Fazer leituras em voz alta, com o propósito de pronunciar bem as palavras e de observar a pontuação. Colocar as mãos em forma de concha sobre os ouvidos, para melhor distinguir a própria voz, tentando corrigir-lhe as deficiências, ou usar um gravador.

CAPÍTULO 10.2 - LINGUAGEM

- A linguagem deve ser correta, clara e concisa;
- Usar sempre a primeira pessoa do plural: Nós; “Somos todos necessitados de regeneração e luz”;
- Abolir termos de gírias, vocábulos impróprios, de sentido dúbio ou pouco conhecidos e chavões de qualquer natureza;
- Reduzir ao mínimo o uso de adjetivos;
- Repetir palavras o menos possível – mas não prejudicar, por causa disso, a clareza da exposição;
- Utilizar linguagem adequada ao entendimento da maioria dos participantes.

CAPÍTULO 10.3 - OLHOS

- Não permanecer de olhos fechados durante a exposição;
- Fixar os olhos em determinada pessoa ou grupo de pessoas pode suscitar constrangimento, por isso deve olhar para todas as pessoas;
- Deve-se transformar os olhos em auxiliares na comunicação;
- Acompanhar atentamente as reações dos participantes, para orientá-los durante a exposição.
- Os expositores novatos devem evitar olhar nos olhos dos participantes. Para tanto devem olhar um pouco acima das cabeças, pois assim evitará os olhares e dará impressão que olha para todos.

CAPÍTULO 10.4 - MÃOS

- Não falar com uma ou ambas as mãos nos bolsos;
- Não segurar, nervosamente, bordas de móveis;
- Evitar gestos que “empurrem” psicologicamente os participantes;
- Evitar, também, os gestos repetidos mecanicamente;
- Os gestos são necessários para tornar mais viva e comunicativa a mensagem, não para dramatizar o que se diz. À medida que as palavras se tornam fluentes, os gestos surgem de maneira espontânea.

CAPÍTULO 11 - CONDUTA

- Apresentar-se modestamente, evitando as bermudas e as roupas transparentes;
- As senhoras devem evitar o uso de joias, pois isso não condiz com a simplicidade do evangelho. Principalmente de medalhas e crucifixos e etc.;
- Fazer por onde impressionar favoravelmente o auditório;

- Ser pontual. Convém chegar uns 10 ou 15 minutos antes, para tomar conhecimento do programa da reunião e não trazer preocupação quanto à sua presença;
- Maior ou menor auditório não deve impressionar o expositor. Fazer o trabalho integralmente, com a mesma disposição de servir. Há sempre a presença de numerosos desencarnados;
- Com vistas ao êxito da tarefa, disciplinar sentimentos, pensamentos, palavras e ações, para garantir maior assistência espiritual;
- A facilidade no expor depende da preparação do tema, da prática adquirida e, principalmente, da assistência espiritual, que por sua vez decorre de dois fatores: do merecimento dos que ouvem e dos esforços que fazemos para exemplificar aquilo que falamos;
- Lembrar sempre que o trabalho é de esclarecer, consolar, erguer, estimular;
- Permanecer sereno, mesmo ante qualquer imprevisto;
- Apresentando alguém, limitar-se ao indispensável;
- Evitar individualizações como: Senhor Presidente, Senhor Diretor, etc.... No meio espírita, o título mais honroso que se pode dar a alguém é chamá-lo sinceramente de irmão;
- Evitar referências nominais. Se elogiosas, dão margem à vaidade, se depreciativas, trazem desânimo e promovem discórdia;
- Convidado a falar após outro expositor, fazê-lo por tempo reduzido e nunca sobre o mesmo assunto;
- Indicado para fazer uma prece, restringir-se a isso;
- Abster-se de beber água durante as exposições, para não adquirir o hábito e não levantar nas pessoas o mesmo desejo;
- Não faltar em hipótese alguma ao compromisso. Em último caso, providenciar substituto;
- Deixar de falar, ainda que convidado e com insistência, em hora e local impróprios;
- Evitar referências a dinheiro e a política;
- Não criticar ou atacar as religiões, instituições, pessoas e seus empreendimentos;
- Omitir citações em línguas estrangeiras;
- Em caso de leitura não passar de cinco minutos;
- Harmonizar palavras, olhar, gestos e atitudes, para melhor transmitir a mensagem de que é portador;
- Compenetrar-se de que é impossível agradar a todos, recebendo, com compreensão, críticas e restrições, de tudo extraindo elementos para o próprio aprendizado.
- Evitar otimismo exagerado. A realidade, com entendimento e confiança em DEUS, é o melhor caminho para falar à mente e ao coração dos ouvintes.

CAPÍTULO 12 - PARTICIPAÇÃO

- Sempre que possível, dar oportunidade de o auditório fazer perguntas, não para exhibir conhecimentos, mas para proporcionar melhor compreensão do tema;
- Procurar entender bem as perguntas, para respondê-las com acerto.
- Dificilmente se dará uma resposta satisfatória a uma pergunta mal formulada ou mal entendida;

- Não responder perguntas aereamente, sem convicção. Se precisar, voltar ao assunto oportunamente. Todos nos encontramos em regime de aprendizado;
- Solicitado a repetir uma explicação, fazê-lo de modo e com palavras diferentes. A variação facilita o entendimento;
- Manter-se vigilante quanto às perguntas que fujam do assunto. Dada a resposta rápida e objetiva, retornar à exposição do tema;
- Não criar situações incômodas, insistindo pela participação dos presentes, quando preferirem fazer silêncio.

COMO ESTUDAR A BÍBLIA

A) Manuseio da Bíblia

A Bíblia se divide em:

- Velho Testamento (V.T)
- Novo Testamento (N.T)

VELHO TESTAMENTO:

- Leis, profecias, histórias e sabedoria.

NOVO TESTAMENTO:

- 4 Evangelhos: Mateus (Mt), Marcos (Mc), Lucas (Lc) e João (Jo).
- Atos dos Apóstolos (Lucas)
- 21 Epístolas ou Cartas; de Paulo (14), Tiago (1), Pedro (2), João (3) e Judas (1).
- Apocalipse ou Revelação (João)

B) Divisão da Bíblia – Capítulos, Versículos, Referências

Os livros que compõe a Bíblia se dividem em capítulos e versículos. Os capítulos são textos maiores, os quais se dividem em pequenos trechos numerados sequencialmente a fim de facilitar sua consulta e estudo. O número de capítulos dentro de cada livro ou evangelista varia, bem como, a quantidade de versículos dentro de cada um dos capítulos. Recorrendo-se, pois, ao Evangelho de Mateus, vamos verificar estar ele dividido em 28 capítulos e que o seu capítulo 9 possui 38 versículos.

Normalmente a indicação de um trecho do Evangelho é feita na seguinte ordem: nome do livro, capítulo e versículo.

Exemplo: Marcos 10:4 expressa: Evangelho de Marcos, capítulo 10, versículo 4.

Algumas traduções inserem referências após o título do capítulo, indicando que este assunto está repetido em outro livro da Bíblia, exemplo: A vocação de Mateus (Mt. 9:9 a 13), é também relatada em Marcos 2:14 a 17 e Lucas 5:27 a 32.

Outras versões apresentam também o sistema de referências de assuntos que se relacionam. Estas referências são feitas mediante a inscrição de pequenos números

no desenvolvimento da narrativa, aos quais correspondem outros números iguais, colocados, normalmente ao pé da página seguidos da indicação de outros livros da Bíblia e respectivos versículos que tratam do mesmo assunto.

Da versão bíblica de João Ferreira de Almeida, edição da Imprensa Bíblica Brasileira, retiramos o seguinte exemplo:

“Seja, porém, o vosso falar: (33) Sim, Sim; Não, Não; porque o que passa disto é de procedência maligna.” JESUS – Mt 5:37. Ao pé da página, procurando o número 33, localizamos: Colossenses 4:6: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um”. E temos em Tiago 5:12: “Mas, sobretudo, meus irmão, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento, mas que a vossa palavra seja Sim, Sim e Não, Não; para que não caias em condenação”. Como se vê, ambas as referencias guardam profundas vinculações ao contido em Mateus 5:37.

Outro exemplo:

“Eles lhe disseram: Em Belém de Judéia: porque assim está escrito pelo profeta, E tu, Belém, (4) terra de Judá, de modo algum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apresentar o meu povo de Israel”. Mt. 2:5 e 6.

Eis as referencias:

“E tu Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da enfermidade”. Miquéias 5:2. “Não diz a Escritura que o Cristo vem na descendência de Davi, e de Belém, da aldeia donde era Davi? – Jesus – João 7:42”.

Partindo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” que traça uma diretriz segura para o estudo da Boa Nova, em espírito e verdade, sabemos que a mensagem de Jesus não comporta apenas leituras ou comentários de superfície. Necessita ser apreendida, assimilada e acima de tudo vivida.

Assim, por exercer valiosa ação no plano de higienização psíquica de nosso campo mental, e por se constituir em divino recurso de desenvolvimento de nossos mais profundos sentimentos de realização no Bem, no trabalho reeducativo, torna-se imperioso que o Evangelho esteja sempre presente em todo o esforço que objetiva libertação espiritual da criatura.

E dirigindo os nossos esforços para a Doutrina Espírita, aquele Consolador Prometido que, segundo as palavras de Jesus, “ensinará todas as coisas e nos fará lembrar de tudo quanto Ele nos disse”, verificamos sem sombra de dúvida, já que eleger a fé raciocinada, capaz de encarar de frente a razão, ser ela o instrumento que canaliza ao nosso entendimento, a mensagem do Cristo pura e cristalina em sua simplicidade dos primeiros tempos. Por isso, se torna imperioso para qualquer êxito na assimilação do conteúdo da Boa Nova, o estudo dos postulados espíritas em torno de seus aspectos, para que possa constituir, efetivamente, no veículo capaz de nos favorecer a assimilação plena e lógica das palavras de Jesus.

E, alertando-nos para seus valores imortais, assim se expressa Emmanuel sobre o Evangelho de Jesus: “é o roteiro imprescindível para a legislação e administração, para o serviço e para a obediência.” “Espera o Cristo venhamos converter-lhe O Evangelho de Amor e Sabedoria em companheiro da prece, em livro escolar no aprendizado de cada dia, na fonte inspiradora de nossas mais humildes ações no trabalho comum e em código de boas maneiras no intercâmbio fraternal”.

CONCLUSÃO

Sabendo que a maior função da Doutrina Espírita é “Esclarecer e Consolar”, podemos verificar a responsabilidade que abraçamos quando nos tornamos ou nos decidimos ser expositores espíritas.

Por isso devemos entender que o mínimo feito em prol da Doutrina Espírita e de sua evolução é muito, considerando-se que já foi dado o primeiro passo, pois como disse Emanuel: “Quando uma centésima parte do Cristianismo de nossos lábios conseguir expressar-se em nossos atos de cada dia, a Terra será plenamente libertada do erro”. Para tanto, vamos solicitar ao nosso querido e amado Mestre Jesus que nos abençoe, dando-nos força e coragem para que possamos seguir em frente levando o esclarecimento e o consolo que o Espiritismo nos traz.

Esperamos, portanto, que, seguindo passo a passo os itens desta apostila, tenhamos melhor aproveitamento e segurança, para que se sintam motivados para proferir suas exposições, tendo a certeza da ajuda do Mestre, e a convicção de que “a rosa perfuma primeiro o vaso que a transporta”.

“Aquele que semeia, saiu a semear,...”

FIM